

# FORMAÇÃO FILOSÓFICA NA DIOCESE DE PONTA GROSSA: DILEMAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SUBJETIVIDADE ECLESIAL

Edson Jacinski\*

## 1. Introdução

No século passado o Brasil se transformaria na maior nação católica do mundo. Um dos aspectos que nos ajuda a compreender essa expansão institucional num contexto de secularização da sociedade brasileira foi a crescente clericalização da Igreja do Brasil. Nesse sentido, os Seminários tiveram uma importância estratégica, multiplicando-se de pouco mais de uma dezena em 1850 para mais de 600 nos anos 60 do século passado. Como enfatiza SERBIN:

Num catolicismo clericalizado, os seminários reproduziam a Igreja em si e definiam através dos padres que se estabelecia o catolicismo, ou a catolicidade, para a maioria da população brasileira, pobre e de origem rural. A Instituição dependia dos seminários para a sua sobrevivência. Esta situação entrou a Igreja numa exagerada preocupação com as vocações e os seminários.<sup>1</sup>

A Diocese de Ponta Grossa, criada em 1926, adotou já no seu primeiro governo episcopal essa perspectiva, seja através da abertura do Seminário Diocesano e também através da vinda de Congregações religiosas masculinas, com a importação do clero religioso estrangeiro:

---

\*Especialista em História e Região (UEPG) e mestre em Educação Tecnológica (CEFET/PR).

<sup>1</sup>SERBIN, Ken. Os Seminários: crise, experiências e síntese. In SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 93.

Em Ponta Grossa, tudo estava por fazer. Num território imenso que incluía também a zona paranaense de Guarapuava e Palmas, havia apenas doze paróquias. Não encontrou um único representante do Clero Secular. Sua Excia. (D. Antonio Mazzarotto) convida congregações religiosas para paróquias e comunidades, abre o Seminário para a formação do Clero.<sup>2</sup>

Tal política continuou a partir de 1965 com D. Geraldo Micheletto Pellanda, segundo bispo da Diocese: “de abril de 1965 a julho de 1976, foram criadas dezessete Paróquias na Diocese, e o número do clero diocesano elevou-se para vinte e quatro sacerdotes, e o religioso para cento e doze sacerdotes”<sup>3</sup>.

Por outro lado, uma crise seminarística e sacerdotal vem colocar em xeque essa perspectiva clericalista predominante até esse momento. Em parte, ela pode ser creditada à transição de uma identidade eclesial tridentina à “identidade Vaticano II”<sup>4</sup>, levando à desistência milhares de sacerdotes e seminaristas e ao fechamento de mais de 100 seminários. Tal situação levou a um período de intenso questionamento da formação tradicional e, de outro lado, a inúmeras experiências, destacando-se a constituição de pequenas comunidades mais abertas à sociedade. Foi um tempo em que se buscou repensar a formação sacerdotal, levando à incorporação oficial pela Igreja de alguns dos avanços da fase das novas experiências e da própria abertura possibilitada pelo Concílio Vaticano II<sup>5</sup>.

Como observa LIBÂNIO :

A dimensão crítica da razão constitui-se elemento fundamental da revolução cultural moderna irreversível. E na medida em que tal revolução se espraia através dos meios de comunicação de massa até rincões longínquos, mais difícil fica a criação de uma identidade única, compacta, indiscutível (...) Ora a Teologia não pode fugir ao diálogo com a

---

<sup>2</sup> MACHADO, Paulo Xavier (org). **A Diocese de Ponta Grossa no seu jubileu áureo**. Curitiba: Vicentina, 1976, p. 91.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 113.

<sup>4</sup> Em poucas palavras pode-se afirmar que essa transição abria um vazio na identidade compacta anterior e levava a uma laicização do clero, oportunizando a proliferação de novas experiências de formação. Tal questão pode ser melhor aprofundada em LIBÂNIO, J.B. **A volta à grande disciplina**: reflexão teológico-pastora sobre a atual conjuntura da Igreja. São Paulo: Loyola, 1983, p. 131-147.

<sup>5</sup> SERBIN, Ken, 1992, p. 92.

cultura com a razão moderna, seja na forma científica, seja na experiência vulgarizada pelos meios de comunicação.<sup>6</sup>

A Igreja, vivendo o conflito entre tradição e modernidade, busca consolidar o processo de mudança trazido pelo Concílio Vaticano II e, nas suas instâncias continental(latino-americana) e nacional, desenvolver uma nova postura face aos problemas sociais do continente e do país. Enfático é, nesse sentido, a efervescência das chamadas “pastorais sociais” e das “comunidades eclesiais de base”, que se multiplicam, a partir da década de 70, e vão propiciar o alimento para uma teologia genuinamente latino-americana: a teologia da libertação.

As mudanças sociais desse momento ocorrem num país de regime anti-democrático com visíveis sinais de exaustão . Estas mudanças referem-se aos dilemas trazidos pela modernidade num país capitalista dependente, ancorados no processo industrial em expansão com o conseqüente êxodo rural, e na efervescência de novos valores culturais seja da chamada sociedade de consumo e, de outro lado, de grupos sociais emergentes em processo de auto-afirmação. No panorama local, o momento era da implementação de projetos que visavam à industrialização , modernização e emergência do município no plano estadual<sup>7</sup>.

Os institutos de Filosofia e Teologia, vinculados às várias Dioceses ou Congregações religiosas, tornaram-se palco desse jogo contraditório, onde as forças conservadoras e progressistas atuavam incessantemente.

Desse modo, a implementação emergencial e precária do curso filosófico em 1974 e, mais tarde(1977), a criação do Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* – IFITEME -, pela Igreja de Ponta Grossa, constituíram-se numa resposta específica a essas grandes mudanças sociais e eclesiais , em que o modelo de formação sacerdotal estava sendo questionado e repensado. A institucionalização de um espaço local de formação filosófica e teológica iria ser implementada a partir de uma determinada concepção eclesial e educacional a ser repassada aos futuros padres que atuariam nas comunidades da região. É, portanto, um dos

---

<sup>6</sup> LIBÂNIO, J.B, 1983, p. 151-152.

<sup>7</sup> Para analisar melhor essa urbanização e suas conseqüências sociais ver MONASTIRSKY, Leonel B. **Cidade e ferrovia:** a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa. Florianópolis, Dissertação de Mestrado(Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, 1997, p.74-94 e LÖWEN, Cicilian L. **Favelas:** um aspecto da expansão urbana em Ponta Grossa. Rio Claro, Dissertação de Mestrado(Organização do Espaço), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1990, p. 40-71.

lugares privilegiados de produção de subjetividade, na medida em que se constitui num território de governabilidade intelectual, afetiva, espiritual<sup>8</sup>.

O viés inspirador da identidade sacerdotal pretendida irá ser determinante para o significado e importância do curso filosófico na formação dos seminaristas. Numa concepção mais tradicional, aqui entendida como clericalista, é quase inevitável a atribuição de um papel periférico e meramente instrumental à Filosofia. A principal ênfase recai sobre a formação teológica sintonizada com a ortodoxia doutrinal. Ou seja, a formação filosófica é concebida como preambular aos estudos teológicos: ela deve ser *ancilla theologiae* e estar subordinada à uma “filosofia cristã”:

Seja considerada de especial importância a filosofia sistemática, com todos os seus tratados, que conduz à aquisição de um sólido e coerente conhecimento do homem, do mundo e de Deus. Esta reflexão filosófica deve ser feita sobre a base de um patrimônio filosófico sempre válido, cujos expoentes são os maiores filósofos cristãos, os quais ensinaram os primeiros princípios que são de valor perene, porque fundados na própria natureza das coisas.<sup>9</sup>

Os grandes temas que a modernidade enseja, ainda mais na forma contraditória na qual é construída nacionalmente e repercute na própria Igreja, não têm, desse modo, muita oportunidade de propiciar o estabelecimento de uma subjetividade mais crítica, autônoma e conectada com o contexto sócio-cultural.

Por outro lado, uma outra concepção eclesial, atribuirá uma ênfase diferenciada da formação filosófica, oportunizando maior abertura à participação e ao questionamento social. Nesse sentido um documento da CNBB vem preconizar um outro sentido à formação filosófica dos presbíteros: “Haja esforço sério com relação aos estudos de filosofia e ciências humanas, uma vez que se revestem de especial importância na atual conjuntura social e cultural”<sup>10</sup>.

É possível perceber que as orientações eclesiásticas para a estruturação dos cursos filosóficos e teológicos oscilaram da primeira concepção

<sup>8</sup> Entendemos aqui subjetividade no sentido desenvolvido por FOUCAULT de uma crescente disciplinarização. Ver FOUCAULT, Michel A governabilidade. IN \_\_\_\_\_, **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 277-293.

<sup>9</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis** - Diretrizes básicas para a formação sacerdotal. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970, p. 57.

<sup>10</sup> CNBB. **Formação dos presbíteros no Brasil. Diretrizes básicas**. (Documentos da CNBB, 30). São Paulo: Paulinas, 1984, p. 59.

ção para a segunda. Mais do que isso, a importância crescente da formação filosófica e teológica levou à criação da Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-teológicos do Brasil (OSIB) que se constituiu numa instância nacional de discussão e aprofundamento sobre a formação intelectual dos futuros presbíteros no sentido de garantir uma maior sintonia com o contexto da Igreja nacional<sup>11</sup>.

No caso específico do curso de Filosofia do IFITEME, iremos examinar qual foi a perspectiva inicial assumida, a partir de sua criação em 1974 e de que modo, nos vinte anos seguintes, as mudanças curriculares, estruturais e institucionais podem indicar a emergência de uma nova subjetividade eclesial-sacerdotal, num período de amplas mudanças da sociedade brasileira e da própria Igreja.

A complexidade de tais questões não nos permite a pretensão de dissecá-las, mas nos dá a possibilidade de levantar alguns indícios significativos que nos encaminhem para uma maior percepção de suas nuances.

## **2. O contexto da criação do Instituto de Filosofia e Teologia da Diocese**

Que motivos levaram o segundo bispo diocesano a decidir pela implantação do Instituto de Filosofia e Teologia na Diocese? Para entender tal decisão é necessário constatar, como vimos acima, que a crise da identidade sacerdotal na década de 60 do século passado, acabou levando, de um lado, à desistência de inúmeros seminaristas e padres, ocasionando o fechamento de mais de 100 seminários e, de outro, à busca de modelos alternativos de formação que privilegiassem uma maior diálogo com a sociedade em transformação.

Dentre os vários motivos que levaram a tal crise destacam-se: as mudanças sociais e culturais mais amplas, com a crescente urbanização e industrialização da sociedade moderna; as mudanças eclesiais com a maior abertura ao mundo secular prevista pelo Concílio Vaticano II, Conferências Episcopais de Medellín (1968) e a própria atuação mais engajada politicamente de significativos setores da Igreja latino-americana e brasileira<sup>12</sup>, propiciando maior participação popular e leiga<sup>13</sup>, que levaram a

<sup>11</sup> CNBB. **Orientações para os estudos filosóficos e teológicos**. Ementários. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 9-12.

<sup>12</sup> Como resume SERBIN, 1992, p. 95: “Surgiu uma ala progressista dentro da hierarquia clerical da Igreja e também nas bases, em movimentos leigos. Depois do Concílio e com o endurecimento do regime militar no final dos anos 60, esta ala ganhou o controle da

colocar em xeque o perfil tradicional de sacerdote, preconizando-o como referência hierárquica da comunidade católica. Assim, esse novo contexto sócio-eclesial tonificado por uma renovação progressista começa a produzir elementos de uma nova formação que se contrapõe à visão tradicional do “seminário fechado”<sup>14</sup> e redesenha a identidade sacerdotal, atribuindo-lhe uma novo papel eclesial e político, tornando “o padre na teoria um servidor do povo, que teria um engajamento pastoral mais ativo do que o padre de formação pré-conciliar e politicamente à esquerda deste”<sup>15</sup>.

Muito provavelmente essa nova perspectiva de formação eclesial foi o que inspirou a Arquidiocese de Curitiba, onde estudavam os discentes de Filosofia e Teologia de Ponta Grossa<sup>16</sup>, a mudar o curso filosófico para a Pontifícia Universidade Católica, estabelecendo assim um certo rompimento com o modelo tradicional de formação, alicerçada na concepção de “seminário fechado”.

Tal decisão contrariava a visão do bispo ponta-grossense que se orgulhava, num contexto de “crise vocacional”, de contar na sua Diocese com inúmeros seminários, ainda repletos de estudantes. Um dos prováveis motivos dessa “incolumidade à crise vocacional” pode ter sido o processo tardio de urbanização e industrialização ocorrido na região diocesana, que abrigava Ponta Grossa e as cidades vizinhas<sup>17</sup>. De fato, numa

---

CNBB e, utilizando como base as idéias do Concílio e os planos pastorais da década de 60, decidiu instituir um novo modelo de Igreja no Brasil durante os anos 70 e 80”.

<sup>13</sup> Para um aprofundamento desse período de efervescência das pastorais sociais, comunidades eclesiais de base ver BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil:** de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 115-134.

<sup>14</sup> Essa concepção que se tornou hegemônica em boa parte da história dos seminários do Brasil, preconiza o exacerbamento de um regime disciplinar que deve estar (oni) presente na vida seminarística, “determinando e regulamentando o controle corporal, a organização hierárquica, a observação, a arquitetura e o espaço físico interno, os horários, a espiritualidade, a educação, a obediência, o celibato e, em geral, a normalização e padronização dos comportamentos” (SERBIN, 1992, p. 21). No caso do Instituto nascente foi natural a sua ambientação no Seminário Diocesano São José, o qual incorporava essa característica arquitetônica e geográfica.

<sup>15</sup> BEOZZO 1994, p. 95.

<sup>16</sup> JACINSKI, Edson. **A construção de uma nova identidade sacerdotal na Diocese de Ponta Grossa, refletidas nas alterações ocorridas no curso de Filosofia de 1974 a 1994.** Ponta Grossa, Monografia (especialização em História e Região), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1999, p. 18.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 14.

sociedade predominantemente rural, a figura tradicional do padre continua valorizada.

Dessa forma, a principal preocupação, face a uma iminente mudança na formação dos seminaristas maiores da Diocese, era preservar uma educação mais “confiável” para a Igreja local:

E aí na época, eu me lembro que D. Geraldo não concordou com essa disposição dos bispos. Ele não ia mandar os alunos dele na Universidade Católica. Isso a gente sabe, é natural dele. Tinha uma preocupação muito grande com a própria formação e tinha certo receio que os seminaristas na Universidade Católica talvez não tivessem aquela formação que ele gostaria que eles tivessem...<sup>18</sup>.

Assim, D. Geraldo, encorajado inclusive pelo representante nacional do Vaticano II (núncio apostólico)<sup>19</sup> resolveu iniciar a implementação de um Instituto filosófico e, posteriormente, teológico na Diocese de Ponta Grossa, que pudesse abrigar os seus seminaristas maiores. Buscava assim constituir um espaço local de formação intelectual que contemplasse o perfil de padre almejado para o projeto da Igreja local.

Ressalte-se que o início do curso filosófico em 1974 operou-se de modo precário, com reduzido número de alunos e professores<sup>20</sup>. Apenas nos anos seguintes, com a presença de docentes e discentes de algumas congregações religiosas<sup>21</sup>, bem como de outras Dioceses vizinhas<sup>22</sup>, começaram a produzir-se melhores condições de funcionamento do curso incipiente.

Contudo, nessa composição inicial uma ausência significativa causou certo espanto: a Congregação dos Frades Menores Capuchinhos que já mantinham há um bom tempo um Instituto Filosófico e, mais tarde, também Teológico na cidade<sup>23</sup>. Tal fato pode ser atribuído possivelmente a uma cosmovisão eclesial divergente que impediu até mesmo uma aproximação inicial. Assim, a cidade chegou a contar com dois Institutos de Filosofia e Teologia. Só houve uma aproximação e um diálogo para se unir as forças no terceiro governo episcopal, no início da década de 90.

<sup>18</sup> Pe. Marcelo, entrevista realizada em 25.11.98, in *Idem*, p. 22.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 26-27.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 25

<sup>21</sup> Congregação Sagrada Família e Congregação dos Padres Cavanis.

<sup>22</sup> Basicamente Guarapuava e União da Vitória.

<sup>23</sup> HERTEL, Regina Célia. **Instituto de Filosofia: renovado para melhor servir**. Ponta Grossa: Monografia em História e Sociedade. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1998.

O que já fica bem evidenciado é que a criação do instituto tornou-se uma forma de manutenção da perspectiva clericalista de Igreja, cujo *locus* estratégico encontra-se na formação sacerdotal. Portanto, tal ótica iria estar presente em boa parte da vida institucional.

### 3. A dinâmica do curso filosófico no IFITEME

#### 3.1 O significado inicial atribuído à formação filosófica

Ao se buscar analisar o papel do curso filosófico no IFITEME, aos longo dos vinte anos, ficou nítido inicialmente a sua configuração preambular e meramente instrumental na formação sacerdotal em boa parte da vida institucional:

A Filosofia, naquele tempo era vista como a serva da Teologia. Isso não dá pra negar. Naquela década de 70, no início quando foi criado o Instituto, a posição era essa: a Filosofia é a serva da Teologia. E, motivado por uma série de contextos e razões históricas que foram chegando aí, conseqüentemente a Filosofia era vista como uma ciência que tem que preparar o aluno pra enquadrar-se muito bem depois nos estudos de Teologia.<sup>24</sup>

Tal concepção confirmou-se na forma de estruturação curricular, com a introdução de disciplinas introdutórias à teologia na sua grade curricular e na própria duração mínima do curso (dois anos) estabelecida pelo principal documento, *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*,<sup>25</sup> que regulava sua institucionalização nesse momento<sup>26</sup>.

De qualquer forma, mesmo em tal concepção admitiu-se a presença curricular de algumas ciências humanas, como Sociologia e Psicologia. Estas ciências poderiam possibilitar um certo questionamento da realidade social<sup>27</sup>.

De fato, a psicologia, no contexto de uma nova visão de formação em emergência, seria utilizada como substitutiva da disciplina e controle típico da formação tradicional. No caso do IFITEME, a sua presença, enquanto disciplina da grade curricular, já foi um indício de uma forma alternativa de trabalhar com a formação sacerdotal. A sua influência,

---

<sup>24</sup> Pe. Ronaldo, entrevista realizada em 16.12.98. In JACINSKI, 1999, p. 39.

<sup>25</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1970, p. 55.

<sup>26</sup> Para analisar mais detalhadamente a grade curricular ver JACINSKI, 1999, p. 49-53.

<sup>27</sup> *Idem*.

assim como da própria Sociologia ,foram perceptíveis na escolha de temas psicológicos nos trabalhos de conclusão do curso filosófico<sup>28</sup>.

Estes aspectos novos numa formação tradicional já pareciam indicar a presença de uma certa abertura às grandes mudanças eclesiais e sociais em erupção nesse momento, apontando para um novo sentido que deveria ser atribuído à formação filosófica dos futuros padres.

### 3.2. Uma nova configuração curricular e institucional

Pode-se dizer que no decorrer do período estudado houve contínuas mudanças curriculares e estruturais no curso. Até os anos 90, porém, elas não vieram significar uma alteração substantiva na concepção inicial da formação filosófica. Ao contrário, algumas delas preocuparam-se em reforçar o caráter propedêutico do curso filosófico, através da ampliação das disciplinas relacionadas ao curso teológico.

As alterações mais significativas começaram a ser discutidas e implantadas a partir dos anos 90, com o novo governo episcopal que se inicia em 1991, com o novo bispo D. Murilo S. Krieger. Esse novo momento da Igreja local traz à tona uma nova práxis eclesial, propiciadora de maior diálogo com os vários setores eclesiais e de uma diferente ênfase dada à formação filosófica e teológica.

Essa nova configuração política da Igreja local veio propiciar a emergência de outras cosmovisões eclesiais que estavam represadas. No tocante ao curso filosófico, essa latência também estava manifesta:

Pessoalmente eu sempre fui favorável a esse tipo de disciplinas que dizem respeito ao contexto em que o ser humano vive. O "econômico" é um dos aspectos prioritário nos nossos dias. Se alguém, hoje, fizer uma leitura da realidade sem o conhecimento profundo desta dimensão humana, sua leitura é extremamente incompleta, porque tudo passa pelo econômico, porque o ser humano é reduzido, infelizmente, ao econômico. Filosofia da Economia, Filosofia do Direito, etc. Nunca fui favorável a introduzir na Filosofia outras matérias que não dizem estritamente respeito. Por exemplo, Catequética .<sup>29</sup>

Nesse sentido, as principais mudanças foram a ampliação do Curso de Filosofia de dois para três anos e a reformulação curricular que

---

<sup>28</sup> Pe. Roberto, entrevista realizada em 10.12.98. In *Idem*, p. 75-78.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 46.

garantia uma maior autonomia do curso filosófico em relação ao teológico.

Em relação a este último aspecto, foram retiradas as matérias pre-ambulares ao Curso Teológico e introduzidas outras, que privilegiavam um maior diálogo do aluno com a realidade social, cultural e política, bem como com a própria produção filosófica mais ampla. Assim podemos citar, nessa nova grade curricular, a presença de disciplinas como “Análise da Realidade Latino-Americana, do Brasil, do Paraná, da Diocese”, “Meios de Comunicação Social”, “Filosofia da Religião”, “Filosofia da Educação”, “Filosofia da Linguagem”, entre outras.

Além disso, outra modificação operou-se em termos da possibilidade de uma convivência mais plural no instituto, reunindo outras congregações religiosas da cidade – Frades Menores Missionários e Frades Capuchinhos<sup>30</sup> que, até então, mantinham isoladamente seus institutos de filosofia e teologia:

Falei aos superiores desses dois Institutos que teria alegria de acolher seus seminaristas no IFITEME. Mais: poderíamos unir as forças quanto aos professores. Depois de uns dois anos, eles concordaram. Para o IFITEME, foi um momento importante: cresceu o número de alunos e seus diretores e professores passaram a ser mais exigentes quanto aos estudos.<sup>31</sup>

Desse modo, uma nova configuração de forças eclesiais começa a se esboçar. O significado atribuído à formação filosófica no contexto da preparação dos futuros padres altera-se sensivelmente. Além de se dar uma outra ênfase ao curso, busca-se inclusive uma forma de reconhecê-lo academicamente:

Houve uma mudança nesse sentido de a Filosofia não vista tanto mais no sentido de uma preparação para a Teologia, mas como um curso realmente que pudesse dar uma base, eu diria humana (...) Dessa forma, também se pensou depois na possibilidade de uma facilitação de um reconhecimento desse estudo para quem quiser depois ter um título acadêmico que nós não temos a possibilidade de dar (...) Havendo então a alternativa de algumas Faculdades, aonde tem o Curso de Filosofia, de

---

<sup>30</sup> D.Murilo, depoimento escrito enviado em 27.03.99. In *Idem*, p. 30.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 34.

aceitar esse conteúdo feito no Seminário, continuando depois as disciplinas que faltam aqui.<sup>32</sup>

Essa maior secularização do instituto também se evidenciou no significativo aumento de professores leigos no quadro docente do curso filosófico. Além disso, um outro indício desse processo foi a mudança geográfica e arquitetônica do Instituto, para uma nova sede, numa região mais urbanizada e mais próxima do cotidiano da população<sup>33</sup>.

Portanto, fica cada vez mais evidenciado que, aspectos da nova formação sacerdotal, em emergência desde a criação do curso filosófico, começam a ganhar terreno no IFITEME. Essas alterações apontam para um novo perfil de padre, mais laicizado e capaz relacionar-se mais intensamente com o contexto social, político, cultural e econômico.

### 3.3. A política interna

Como pudemos verificar acima, uma referência comum no transcurso da vida institucional foi a influência decisiva de cada governo episcopal, que, ensejando diferentes cosmovisões, retardaram ou propiciaram a emergência de novas formas de subjetividades sócio-eclesiais.

No que se refere ao segundo bispo diocesano, ficou nítida uma práxis centralizadora que se refletia na própria relação com o Instituto:

Porque o próprio D. Geraldo, não querendo criticá-lo, mas ele era muito monopolizador das decisões, centralizador das decisões. Então era todo o período que a gente vivia, quer no campo político, social e até da própria Igreja, porque a autoridade era vista como alguém que tomava as decisões e a gente tinha que, simplesmente, obedecer. A gente percebia essa relação bispo-padres, e transferindo, depois então, para o Instituto, professor-aluno, quer dizer, é a mesma relação, não havia uma diferença. E aí o aluno tinha que realmente se colocar no lugar dele e não havia muito espaço para uma participação, para algum evento, a realização de algum seminário de discussão, etc. Mas isso, a gente tem que compreender dentro do contexto da época, de uma concepção de uma época histórica que se viveu, na própria Diocese.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Pe. Marcelo, entrevista realizada em 25.11.98. In *Idem*, p. 43.

<sup>33</sup> O prédio da nova sede faz parte de uma escola estadual. Para maiores detalhes ver *Idem*, p. 78-81.

<sup>34</sup> Pe. Marcelo, entrevista realizada em 25.11.98. In *Idem*, p. 74.

Nesse cenário torna-se perceptível uma concepção que LIBÂNIO denomina de “neofundamentalismo moderado”, caracterizada por uma preocupação extrema com a ortodoxia doutrinal, a busca do reconhecimento oficial do Vaticano, a predominância da relação direta com o centro administrativo da Igreja e uma exígua participação das bases. Essa estratégia governamental está “vinculada aos setores conservadores da sociedade política e assume características semelhantes a eles no tocante à disciplina, ao caráter autoritário e centralizado das decisões, à rejeição de participação sobretudo das bases”<sup>35</sup>.

Desse modo, em que pese ter havido espaço para uma tímida participação dos discentes em “reuniões pedagógicas”, realizadas periodicamente no Instituto, pôde-se perceber uma ausência substantiva de mecanismos de participação na vida institucional, bem como de algum tipo de intercâmbio acadêmico extra-institucional. O que vigorou, de forma hegemônica, foi a concepção de “seminário fechado”, enfatizando um regime disciplinar, onde a ênfase recairia em relações pedagógicas verticais e hierarquizadas:

A questão política que era muito acentuada, nesse período, e que não permitia até , eu diria da parte dos alunos e dos estudantes, uma forma de manifestação e até de participação. Então, a linha, digamos pedagógica, era justamente (esta): o professor é aquele que sabe e o aluno aquele que tem que receber o conhecimento. Então, não é que haviam muitos eventos extra-curriculares, extra-classe relacionados até a própria Filosofia ou algum mecanismo de participação dos alunos nas decisões tomadas sobre o curso.<sup>36</sup>

Apesar disso, pela própria pluralidade característica do Instituto, espaços democráticos foram surgindo em certos níveis de relação institucional e se ampliaram significativamente com o terceiro governo episcopal, muito mais aberto a uma convivência eclesial plural e participativa.

Assim, a partir do início da década de 90, em que o país já respirava um novo contexto político e econômico, foi possível perceber uma mudança sensível de postura da Instituição nas relações institucionais. Propiciou-se maior participação discente , institucionalizando-se uma instância deliberativa sobre as atividades escolares e organização curricular denominada “Conselho Acadêmico”, que previa a presença dos

---

<sup>35</sup> LIBÂNIO, 193, p. 151.

<sup>36</sup> Pe. Marcelo, entrevista realizada em 25.11.98. In JACINSKI, 1999, p. 71.

docentes e representantes dos discentes, com direito a voto<sup>37</sup>. Tal Conselho já existia, ao menos desde o início das discussões sobre a criação do IFITEME mas, em nenhum momento reconhecia oficialmente poder de voz e de certa capacidade deliberativa aos discentes nas atividades escolares

Desse modo, foi possível perceber alguns indícios de uma nova subjetividade eclesial e religiosa em ebulição na vida institucional. Uma nova identidade sacerdotal necessitava ser colocada em evidência para enfrentar os desafios dos novos tempos.

#### **4. Considerações finais**

Os institutos de filosofia e teologia constituíram-se em espaços sensíveis às mudanças sociais e eclesiais em erupção com o advento do Concílio Vaticano II, de maior comprometimento social de uma significativa ala da Igreja do Brasil e dos próprios desafios ensejados pela modernização capitalista da sociedade brasileira.

Estas mudanças levaram à necessidade de se repensar a perspectiva clericalista da Igreja nacional, afetando diretamente o modelo tridentino de formação sacerdotal. Muitas dessas instituições, até por sua progressiva vinculação às universidades católicas, tiveram de estar mais abertas ao cenário sócio-político. Muitas experiências novas de formação começaram a surgir.

Nesse sentido, paradoxalmente a criação do curso filosófico e posteriormente do IFITEME, representa um movimento contrário à tendência acima. O segundo bispo diocesano, aliando-se a forças religiosas locais e de outras dioceses vizinhas, resolveu criar um espaço institucional local de formação filosófica e teológica que se coadunasse com sua perspectiva sócio-eclesial conservadora. Contudo, mesmo com um ambiente propício à disciplinarização da subjetividade religiosa, eclesial e sacerdotal, o IFITEME, em especial no seu curso filosófico, longe de ter sido um espaço homogêneo de atuação das forças sociais hegemônicas, apresentou-se como um campo de embate, muitas vezes silencioso, de diferentes cosmovisões sociais e políticas que levaram a algumas alterações significativas no decorrer dos seus vinte anos de existência.

Estabeleceu-se uma dinâmica densa e tensa entre as forças eclesiais de manutenção do *status quo* institucional e as forças de transforma-

---

<sup>37</sup> INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA MATER ECCLESIAE. **Programa dos Cursos e Calendário Escolar**. Diocese de Ponta Grossa: 1994, p. 7-8.

ção, representada por uma postura eclesial que contemplava uma maior abertura do seminarista e do padre aos desafios da modernidade. Em boa parte da história do IFITEME ficou muito nítida a efetividade e a aparente supremacia das forças de conservação. Contudo, quando as forças renovadoras puderam, em melhores e mais arejadas condições, se manifestar, proporcionaram significativas mudanças.

É necessário, no entanto, finalizar constatando com SERBIN que esse intenso período de desconstrução da formação tradicional começou a ser interrompida por uma volta à grande disciplina: “Na última década, a conjuntura mundial neoliberal, o papado de João Paulo II e o peso histórico da Igreja como instituição hierárquica, autoritária e clerical deram fôlego aos bispos conservadores, que têm trabalhado junto à burocracia romana para reverter as novidades nos seminários”<sup>38</sup>.

Até que ponto essa interrupção possa estar afetando as relações institucionais locais é uma questão que merece ser investigada. De qualquer forma, tal percepção inquietante nos leva a reiterar, com Foucault, o caráter político dos territórios da constituição da subjetividade. Desse modo, mesmo que as fronteiras externas do seminário possam ter sido abolidas, a disputa pela identidade sacerdotal e eclesial não cessa de proporcionar novos embates.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II**, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Conclusões de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1975.

\_\_\_\_\_. **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

\_\_\_\_\_. **Santo Domingo Conclusões**. São Paulo: Cortez, 1993.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Situação e Vida dos Seminaristas Maiores no Brasil**. (Estudos da CNBB n. 40). São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **Formação dos presbíteros no Brasil. Diretrizes básicas**. (Documentos da CNBB, 30). São Paulo: Paulinas, 1984.

---

<sup>38</sup> SERBIN 1994, p. 151.

- \_\_\_\_\_. **Orientações para os estudos filosóficos e teológicos.** Ementários. São Paulo: Paulinas, 1987.
- FERNANDES, Rubem César. Imagens da paixão: A Igreja no Brasil e na Polônia. In SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: modernidade e tradição.** São Paulo: Loyola, 1992.
- FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 277-293.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão.** 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História v.13**, n. 25-26, set 1992 - ago 1993, p. 33-54.
- HERTEL, Regina Célia. **Instituto de Filosofia: renovado para melhor servir.** Ponta Grossa: Monografia em História e Sociedade. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1998.
- INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA MATER ECCLESIAE. **Programa dos Cursos e Calendário Escolar.** Diocese de Ponta Grossa: 1994.
- JACINSKI, Edson. **A construção de uma nova identidade sacerdotal na Diocese de Ponta Grossa, refletidas nas alterações ocorridas no curso de Filosofia de 1974 a 1994.** Ponta Grossa, Monografia (especialização em História e Região), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1999.
- LIBANIO, João Batista. **A volta à grande disciplina.** São Paulo: Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Pastoral numa sociedade de conflitos.** Petrópolis: Vozes, 1982.
- LÖWEN, Cicilian L. **Favelas: um aspecto da expansão urbana em Ponta Grossa.** Rio Claro, Dissertação de Mestrado (Organização do Espaço), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1990.
- LOPES, Juarez R. B. **Desenvolvimento e mudança social.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.
- MACHADO, Paulo Xavier (org.). **A Diocese de Ponta Grossa no seu jubileu áureo.** Curitiba: Vicentina, 1976.
- MENDONÇA, Sonia Regina; FONTES, Maria V. **História do Brasil recente: 1964-1992.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MONASTIRSKY, Leonel B. **Cidade e ferrovia: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa.** Florianópolis, Dissertação de Mestrado (Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis.** Directrizes básicas para a formação sacerdotal. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970.

SERBIN, Ken. Os Seminários: crise, experiências e síntese. In SANCHIS, Pierre (org.) **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 91-151.

VALADIER, Paul. **Catolicismo e Sociedade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1991.

VATICANO. **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. VIER, Frederico(organizador). Petrópolis: Vozes, 1968.

## RESUMO

### **Formação Filosófica na Diocese de Ponta Grossa: Dilemas na Construção de uma Nova Subjetividade Eclesial**

Este artigo pretende mostrar alguns resultados do trabalho de monografia em História e Região, apresentado na Universidade Estadual de Ponta Grossa em 1999, analisando como as mudanças ocorridas no curso de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* (IFITEME) da Diocese de Ponta Grossa, de sua implantação em 1974 até 1994, estiveram vinculadas a diferentes respostas da Igreja local às intensas transformações eclesiais, sociais e políticas que acenavam para a emergência de uma nova subjetividade religiosa.

**Palavras-chave:** Igreja, clericalismo, seminário fechado, subjetividade

## ABSTRACT

### **Philosophical formation in Ponta Grossa Diocese: Dilemmas in the building of a new ecclesiastical subjectivity**

This article intends to show some results of the monograph in History and Region, presented in the State University of Ponta Grossa in 1999, analyzing how the changes which happened in the Philosophy course, of the Institute of Philosophy and Theology *Mater Ecclesiae* (IFITEME) of Ponta Grossa Diocese, since it started in 1974 (up to) until 1994, had been linked to different answers of the local Church to the intense ecclesiastical, social and political transformations that pointed out to the emergency of a new religious subjectivity.

**Key-words:** Church, clerical, shut seminar, subjectivity.